

Eça de Queirós: Intérprete da vida portuguesa

Luana Soares de Souza

Resumo

O presente estudo trata do tema da representação literária da Nação Portuguesa na obra *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós. A análise do texto, baseada na ficcionalização da história, mostra como a sociedade local era vista durante o século XIX. Desta forma, o discurso literário se torna o espaço onde o escritor tenta compreender as igualdades e as diferenças entre o real e o imaginário.

Palavras-chave: representação, nação, história.

Abstract

This paper deals with the theme of the literary representation of the Portuguese Nation in Eça de Queirós' novel, *A Ilustre Casa de Ramires*. The text analysis, based on the fiction of the history, presents the local society during the 19th century. Thus, the literary discourse becomes the place where the writer tries to understand the similarities and the differences between real and imaginary.

Key words: representation, nation, history.

INTRODUÇÃO

A Nação Portuguesa começou a ser representada na literatura, como personagem a triplidar sua própria história, desde os registros encontrados nos *Livros de Linhagens* do século X. A partir daí revela-se um Portugal que vai se construindo e fixando através de narrativas que optam, ao contar e cantar a história do país e de seu povo, em desvelar a aliança existente entre a literatura nacional e a vida cotidiana.

Nos registros desses *Livros de Linhagens*, verifica-se certo pensamento de independência e desmembramento, procurando o estabelecimento e afirmação do Estado português, comprovando que a experiência jurídica da sociedade que passava a constituir o Portugal independente, começou a ser escrita em anais e crônicas, compondo assim as primeiras representações da emergente nação portuguesa.

Segundo José Mattoso (1993, p. 57), a construção de Portugal, livre e soberano, ocorreu, principalmente, durante o reinado de Afonso Henriques que, depois de vencer a mãe na batalha de S. Mamede, passou a governar o condado Portucalense. Uma das suas primeiras decisões foi mudar a residência principal de Guimarães para Coimbra. A decisão do chamado rei Conquistador propiciou à população maior segurança, desenvolvimento do comércio e da agricultura. Conseqüentemente, o entusiasmo e o apoio pelo jovem chefe cresceu ainda mais. Dessa forma, os cavaleiros e os homens do povo não hesitaram em começar a lutar ao lado de quem queria transformar o condado num reino independente.

A representação desse estado de ânimo envolvendo os Portugueses seria registrada pelos monges do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, quando sobre a vida do seu benfeitor

Luana Soares de Souza é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora no Departamento de Língua e Literatura da ULBRA.

Este ensaio está baseado num dos capítulos de sua tese de doutorado: *Narrando a Nação Portuguesa*, onde analisa a representação literária do povo lusitano em narrativas escritas desde o século XII até o século XX.

Textura	Canoas	n. 2	1º semestre de 2000	p. 77-82
---------	--------	------	---------------------	----------

deixaram um testemunho escrito mesclado de realidade e fantasia.

Não foram, entretanto, somente os monges de Santa Cruz os responsáveis pelos traços da fisionomia nacional; da mesma maneira, a ordem de Cister contribuiu para isso. Além de sua grande influência junto aos nobres, os cistercienses também atuaram nas camadas populares, onde desenvolveram um trabalho de conversão dos leigos.

No período medieval a Europa iniciaria o processo de resgate da idéia de nação, ou seja, uma comunidade nacional que surge quando os indivíduos de um mesmo grupo passam a se identificar acima de suas particularidades, começando a partilhar desse grupo de experiências, passando a se identificar cada vez mais semelhantemente. Foi isso que se observou em Portugal à época medieval e que podemos comprovar tanto na História quanto na Literatura.

Da mesma forma, os escritores românticos, tanto em obras em verso quanto em prosa, dedicam-se a retratar o país contemporâneo ou histórico como, por exemplo, Alexandre Herculano. Em seus romances, o autor faz uso de seu largo conhecimento da história portuguesa, particularmente relativa à Idade Média, introduzindo o romance histórico em Portugal. Nessas obras a matéria literária é algumas vezes utilizada por Herculano como pretexto para dar vazão às suas críticas sociais e às suas idéias nacionalistas, representadas em *Eurico, o presbítero* (1844), narrativa de busca das origens lusas.

Esse percurso foi devidamente registrado através de textos e autores que decantam o heroísmo do homem português medieval, romântico, realista e com ele percorrem a epopéica construção da Nação Lusa. Dentre os escritores que com seus romances narram tal saga está Eça de Queirós, verdadeiro crítico da vida nacional, e sua obra *A Ilustre Casa de Ramires*, (1900), texto onde o cotidiano social português do século XIX está perfeita e claramente retratado, englobando o construto da comunidade lusa em busca de sua identidade própria, destacando a essência e o caráter da mesma.

O relacionamento entre o social, histórico e literário, assim como a imbricação de nação e narração têm suas origens perdidas no tempo. Por outro lado, ambas permaneceram interligadas enquanto espaços de contestação e

questionamento, uma como referente, a outra, sendo representação. Dessa união, o romance vai (re)escrever a história de povos, de indivíduos que possuem elementos em comum.

No presente estudo a narrativa eciana é analisada à luz da ficcionalização da história, com o objetivo de mostrar a visão do autor perante a realidade lusa durante os Oitocentos. Neste período o autor estabelece um objetivo artístico e fictício para sua escrita e para seus personagens, interpreta a compreensão do homem de seu tempo e de seu mundo. Para tanto Eça de Queirós regressa ao passado glorioso da formação da nacionalidade, recuperando as tradições, mitos e imagens, com o intuito de descrever a realidade que o cercava, para, a partir da sua dissecação, sugerir parâmetros que possibilitassem uma reconstrução da Nação Lusitana em bases mais humanas e reais.

ESCRITA REALISTA E REPRESENTAÇÃO

Da conjugação entre o mundo real e o mundo ficcional surge a investigação e a expressão sobre a história das idéias, das opiniões e dos sentimentos de grupos sociais. No Realismo o segmento que recebeu maior destaque foi o dos “barões não assinalados” da comunidade nacional. Eles formam uma galeria de tipos descrita por Eça de Queirós, a qual povoa seus romances e constitui a grande voz que passa a ser ouvida. Assim, ao ilustrar as características da sociedade da época, o autor representa a Nação Lusa dividida entre os valores épicos de um passado distante e a demagogia e falência do regime democrático português de então.

Contemporâneo de Eça de Queirós, o Realismo, surge em oposição à alienação ultraromântica, propondo-se a descrever a realidade física e humana de forma exata. Em Portugal, o Realismo foi implantado entre os anos de 1864 e 1865 pela Questão Coimbrã. Entre seus representantes, destacam-se Teófilo Braga e Antero de Quental que proclamavam uma nova concepção poética entendida pelo “*dizer e não repetir, de inventar e não de copiar*”, (Quental, 1994, p.119-120) contrariando, desse modo, a escola romântica. Por outro lado, os escritores realis-



tas estavam dispostos a tirar Portugal do atraso, para, então, equipará-lo às nações mais avançadas da Europa. Entre estes, salienta-se Eça de Queirós, maior romancista lusitano do século XIX, que tentou modificar o panorama cultural de seu país com a única arma à sua disposição: a palavra. Além disso, o escritor, influenciado pelas teorias positivistas e deterministas, objetiva corrigir os vícios da sociedade burguesa de então, através do olhar crítico e satírico com que a descreve em sua obra.

Assim, o autor realista deverá ter uma escrita universalista, objetiva, que possa abarcar a realidade contemporânea com todas as suas mazelas. Enfim, o Realismo vai examinar a sociedade, as pessoas, lugares e situações comuns e vulgares, atacando as instituições, exaltando, dessa forma, os desamparados da sociedade.

Os postulados da nova literatura teriam vasto material a ser documentado. Como se o tempo não tivesse evoluído, da Era Medieval ao Realismo, a política lusa continuava a manter a mesma divisão social de uma pequena elite muito rica e uma grande parte da população muito pobre, abarcando a camada da comunidade nacional menos favorecida, a qual seria representada na prosa de ficção através de vários personagens, sendo mostrada com suas marcas verdadeiras. Entre os escritores, destaca-se Eça de Queirós (1845-1900) cujos romances apresentam uma sociedade, objetivando

apontar as feridas mais profundas e salientes da vida nacional, seja a de uma cidade do interior, seja de Lisboa, desde a pequena até a média e a grande burguesia, nos diferentes níveis das instituições, do Estado e da sociedade civil, da Igreja e da família, dos costumes, da educação, das mentalidades e da política (...). (Costa, 1995, p. 17).

A análise desse realismo social mostra Eça de Queirós como um fino comentarista crítico da vida nacional e internacional em meio a um país arruinado por uma crise econômica, financeira, política e moral muito séria.

Na reconstrução histórica da época, José Augusto Seabra (Costa, 1995, p. 19) aponta uma longa depressão que se instala de vez, após a prosperidade dos anos 1850-1860 e apesar dos progressos científicos nos transportes, nas comunicações à distância, na iluminação e calefa-

ção, privilégios das classes dominantes apenas em contraste com amplas camadas da população, tanto urbana quanto rural. Essa contradição Eça não cessou de mostrar, não sem fazer uma contraposição entre a cidade, o lugar da degradação social e a saúde moral da área rural, diferença apontada em alguns de seus romances.

“OH! AVÓS, DE QUE ME SERVEM AS VOSSAS ARMAS SE ME FALTA A VOSSA ALMA?”

Como ilustrador da sociedade dessa época, Eça iria escrever uma série de obras focalizando a realidade exterior. Entre elas, *A Ilustre Casa de Ramires* (Queirós, s.d.). Publicada, inicialmente, na *Revista Moderna* (1894), no entanto, só aparece editada em livro depois da morte do escritor. Pensamos ser pertinente o estudo do romance, visto que ele se apresenta como um catálogo de todos os tipos sociais existentes em Portugal do século XIX. Além disso, a obra resgata a antiga imagem do português (história) e a representação de um presente (ficção) marcado por uma grande instabilidade em todos os setores da sociedade.

O romance conta a história de um fidalgo arruinado, Gonçalo Mendes Ramires, celibatário perdido em meio a dívidas e ruínas, mas que anseia recuperar o espírito glorioso de seus antepassados e, também, as rendas que lhe assegurariam vida tranqüila e despreocupada. Todavia, Gonçalo é obrigado a negociar o arrendamento de suas terras, para obter magros rendimentos que quase não chegam a garantir o padrão de vida que exige sua aristocrática genealogia.

Em busca dessa grandeza, Gonçalo começa a empreender suas peripécias; a escrita de um romance histórico chamado “A Torre de D. Ramires”, a respeito de um remoto antepassado, Tructesindo Mendes Ramires, e a candidatura de deputado às Cortes.

A fim de conseguir o cargo político, ele se envolve em intrigas, obriga-se a reatar relações com um ex-amigo, André Cavalheiro, que magoara a sua irmã, expondo-a ao adultério e à maledicência. Além disso, Ramires quebra tratados já firmados e, no final, mesmo a sua novela



histórica é produto de um disfarçado plágio, pois se inspira diretamente em um poemeto épico de seu tio Duarte, que nem mesmo pertencia à casa dos Ramires.

Ainda parece restar um fundo de honestidade e de princípios em Gonçalo, sobretudo quando se desvencilha do imediato, ao cometer pequenas ações que o ajudam na eleição. E é justamente quando se esquece dos interesses e da fidalguia que consegue tomar consciência de sua situação. Conseqüentemente, mal conseguido o mandato, ele já começa a perder o interesse. Tanto a campanha política quando a novela "A Torre de D. Ramires" não foram, na verdade, de sua própria autoria. Assim, para resgatar a grandeza dos Ramires e devolver à Torre o brilho perdido, Gonçalo abandona reino e terra, indo morar na África, como produtor agrícola e comerciante.

Além das duas histórias que se entrelaçam, existe uma outra que se coloca como fundo para os dois planos do romance, Tructesindo e Gonçalo, que é a própria história de Portugal. Através dela, é resgatado, após setecentos anos, o passado o qual é constantemente comparado com o presente do descendente de Tructesindo.

Assim, tanto o velho fidalgo quanto o seu descendente personificam textualizações da história pátria: o primeiro, nas imagens da formação do reino e de sua origem mítica; o segundo, na ânsia de compreender sua época e suas possibilidades, buscando reler o passado para contar, a verdadeira história de si mesmo.

Gonçalo Mendes Ramires conta a história da participação de Tructesindo Mendes Ramires, alferes-mor de Sancho I, durante as batalhas de Afonso II através de sua novela histórica cuja função seria despertar o renascimento nacional e a tradição "que refizessem à nação abatida uma consciência da sua heroicidade!" (Queirós, s/d, p.11).

O espírito de bravura do português é descrito por uma genealogia repleta de ancestrais famosos que foram participantes de uma história de heróica beleza. Entre os representantes das nobres lanças portuguesas, está Tructesindo Ramires, guerreiro rude e leal, a defender jovens infantas, vilas, fortalezas e mosteiros dos inimigos de seu reino. Ao longo da narrativa histórica, o narrador reitera o caráter secular do "orgulho das armas", sendo esse derivado

do heroísmo da raça portuguesa representados por Tructesindo e seu fiel exército.

Todos os elementos indicados pertencem a uma imagem que os próprios portugueses construíram de si mesmos. A bravura, a força física e de caráter heróico pertencentes à memória das naus, é, contudo, uma imagem irrecuperável. O tempo é de um Portugal de heróis tão antigos e inalcançáveis, os quais não são representantes na contemporaneidade do descendente de Tructesindo Ramires.

Da mesma forma que o personagem tentou ressuscitar o velho Portugal, o presente do país e da nação também exigem uma mudança. Gonçalo assiste o "torrão augusto" sendo vendido a estrangeiros e abandonado por culpa da "imbecilidade dos governos". Para ele, a solução é a vinda de um líder, de um herdeiro da tradição à semelhança de Tructesindo Ramires, a fim de que comande os portugueses para uma grande renovação nacional, que derrote a agonia política do país.

A realidade social de Portugal do século XIX mostra que há muito o que realizar, e a demora das mudanças a serem feitas levou à criação de um "povo formigueiro de produtores e de exploradores" (Queirós, s/d, p 83).

Diante desta imagem, Gonçalo, quando fizer parte do quadro político, irá, através de sua alta origem e inteligência, ajudar o país e alterar a nação para um despertar. Segundo ele,

lançaria então um brado à nação, que a despertasse, lhe arrastasse as energias para essa África portentosa, onde cumpria, com glória suprema e suprema riqueza, edificar de costa a costa um Portugal maior! ... (...) (Queirós, s/d, p. 88).

De acordo com a passagem acima, Gonçalo Mendes Ramires quer tornar-se uma espécie de porta-voz da Nação Portuguesa que permanece inerte à "inconstância dos tempos e dos impérios" os quais levaram o país ao atoleiro, reduzido a "Portugalzinho".

Aos poucos, o deputado de Vila-Clara sente que a tarefa é muito árdua e seu poder de conscientização não abarcaria todos os portugueses. Gonçalo começa a comparar a sua vida com a de seus antepassados que

como sombras levadas num vento transcendente,



todos os avós formidáveis perpassavam e arrebatadamente lhe estendiam as suas armas, rijas e provadas armas, todas, através de toda a história, enobrecidas nas arrancadas contra a moirama nos trabalhados cercos de castelos e vila, nas batalhas formosas com o castelhano soberbo... Era em torno do leito, um heróico reluzir de ferros. E todos soberbamente gritavam: - "Oh! Neto, toma as nossas armas e vence a sorte inimiga!..." Mas Gonçalo, espalhando os olhos tristes pelas sombras ondeantes, volveu: - "Oh! Avós, de que me servem as vossas armas - se me falta a vossa alma?..." (Queirós, s/d, p. 155).

O excerto acima desvela a diferença entre a heroicidade e o espírito de luta existentes no passado e a falta de tomada de atitudes no momento presente. O personagem vê o quanto é impotente frente à imensidão de problemas a serem resolvidos.

Nesse ponto, Gonçalo começa a fazer um balanço de sua vida e a avaliar suas conquistas. Nem o término de sua novela nem a popularidade como político trouxeram-lhe felicidade. Ele resolve, então, partir para a Zambézia.

Eça de Queirós buscou, no personagem Gonçalo Mendes Ramires, encarnar uma imagem mais humana de Portugal, presa à história e saudosa da lenda, construir sua nação a partir das ruínas de uma grandeza colonial que nem chegou verdadeiramente a existir. Ao se lembrar de seu amigo, João Gouveia resume as características encontradas na Nação Portuguesa a qual possui

Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua idéia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza e a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante n'algum milagre, no velho milagre d'Ourique, que sanará todas as dificuldades... vaidade, o gosto de se arrebeicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que todo arrasa... Até aquela

antigüidade de raça, aqui apegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

- Quem?...

- Portugal (Queirós, s/d, p. 199-200).

CONCLUSÃO

As características da sociedade da época que Eça de Queirós procurou ilustrar são transmitidas, em seu romance, através do triplo encontro entre a lenda de onde se resgata Tructesindo, a ficção que vem por Gonçalo e a história que nos mostra um país. Um Portugal complacente com todas as suas fraquezas, onde a representação não é mais da "memória das naus" nem pela visão de um Camões heróico. Ao contrário, podemos dizer que, em nosso fidalgo, há o reencontro de Portugal consigo mesmo, muito mais real. De fato o romancista procura compreender melhor seu país e seu povo, resgatando seus reais valores adormecidos e revelando uma compreensão mais humanitária e menos cáustica dos problemas vivenciados por aqueles, sem, no entanto, dispensar sua visão crítica e sua poderosa ironia.

Considerando *A Ilustre Casa de Ramires* um importante romance da ficção queirosiana por apresentar o verdadeiro retrato da vida da sociedade portuguesa dos Oitocentos, vemos a história de Gonçalo Mendes Ramires ser descrita enquanto autor de uma novela histórica do século XII e como personagem de um romance do século XIX. No passado, o Gonçalo - autor - procura reabilitar a imagem de coragem e apogeu de seus antepassados, por extensão os portugueses guerreiros. No presente, a vida do personagem é mobilizada com os acontecimentos do cotidiano e seus planos de conseguir fortuna e ascensão social.

Em ambos os planos de diegese, o discurso narrativo é comandado quase totalmente pela focalização interna do personagem central, que irá caracterizar outros personagens, em sua configuração física e psicológica, e épocas, em sua apresentação social e histórica.

O século XII apresenta-se como uma era de batalhas, pelo espírito cavaleiresco, marcando uma fase de afirmação histórica da Nação



Portuguesa. À época, os homens aspiram à fama e à glória, ao mesmo tempo que suas vidas são governadas pelo espírito de vassalagem e de fidelidade ao rei. Isso é tudo que substancia a ação na novela de D. Tructesindo, ou seja, os valores épicos das façanhas cavaleirescas da Idade Média que, na fase das grandes descobertas, deram à nação seus momentos de grandeza.

Ao contrário do que ocorre na novela portuguesa, o presente não mais reflete tais valores. Em relação à sua ausência, o personagem central explora os vários ângulos da sociedade, expondo-nos a ingenuidade e ignorância de uma nação vivendo em meio da demagogia e da falência do regime democrático.

Essa relação entre passado e presente aparece no texto como um contraponto que descreve a virilidade e a força dos ancestrais lusitanos e, de outro lado, a fraqueza, a lentidão e o imobilismo do povo português; por isso, o romance está construído em dois planos distintos que, unidos, procuram contar dois momentos díspares da vida portuguesa. O passado relata a formação mítica do reino, o heroísmo dos portugueses; o presente relata a agonia política e social do país.

Os dois eixos temporais estão representados por dois personagens: Tructesindo Ramires e Gonçalo Mendes Ramires. O primeiro, importante descendente dos primeiros habitantes do país, anteriores à própria construção da Nação Portuguesa, representa a história passada dos “barões assinalados” que defenderam a comunidade lusitana e desbravaram as terras viciosas. O segundo simboliza o homem comum português de sua contemporaneidade: o conjunto da inação e decadência; indivíduo sem honra, virtude, lealdade e palavra. Sua vida é de impotência frente à construção da sua própria realidade. Para ele a saída primeira é a prestação da vassalagem para conseguir ascender socialmente.

Como teórico de sua nação, Eça de Queirós buscou transpor para sua escrita, um espaço onde os personagens são motivados pela história e pela dualidade própria encontrada na alma portuguesa: a saudade de um passado glorioso e convivência com um presente mergulhado em problemas e esperanças, revelando a condição de vida e as carências da existência tanto a nível pessoal quanto social da comunidade lusa oitocentista.

A Nação Portuguesa pode ser definida

como processo e produto; processo porque está em constante construção e realização; produto, porque nos é apresentada como algo acabado. Ela se constrói, literariamente, como procuramos demonstrar, através de movimentos dialéticos entre cultura, costumes, história e espaço geográfico, que se estabelecem nas práticas discursivas e simbólicas.

Assim, a narrativa eciana revela o homem português real, aquele que constrói e participa de forma direta na história e na vida, mostrando a face de um ser construído de passado, vivenciando seu presente de forma sofrida, destituído da caracterização de “barões assinalados”, procurando construir a rota de seu próprio destino para que aconteça a possibilidade de um futuro melhor “nunca dantes navegado”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BARTHES, Roland. O efeito do real. In: **Literatura e semiologia**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- COSTA, Walter Carlos (org.) **Arca**. Porto Alegre: Paraula, 1995.
- GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 7.ed. Porto: Porto Editora Limitada, s.d.
- MATTOSO, José Magalhães et al. **Os primeiros reis: história de Portugal** (I volume) Lisboa: Caminho, 1993.
- QUEIRÓS, Eça. **A Ilustre Casa de Ramires**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- QUENTAL, Antero de. **Poesia e prosa**. Org. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1994.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- ZÉRAFFA, M. **Romance e sociedade**. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.

